

O Teatro Caruaruense: Um Olhar Sobre Sua História, Resistência E Arte

d.o.i.: 10.13115/2236-1499.2015v1n13p54

Edvan Carneiro Guerra¹

FAFICA

Hoje, o teatro é uma arte marcial!
(Augusto Boal)

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo a atividade teatral na cidade de Caruaru-PE. É resultado de uma pesquisa de campo realizada durante o período de 05 de novembro de 2013 até 05 de novembro de 2014. A metodologia utilizada se constituiu da abordagem qualitativa tendo como recursos entrevistas com artistas e representantes dos grupos de teatro (história oral), investigação documental e bibliografia complementar. A fim de coligir dados que possam estimular pesquisas relacionadas ao tema, haja vista o significativo fluxo de produção teatral desta região como também a escassez de pesquisas sobre o produto cênico-teatral produzido no Agreste de Pernambuco, Brasil.

¹ Nome artístico: Tito Guerra (prt.: 4842/SC) é ator, arte-educador e professor da rede particular de ensino. Atualmente é graduando do curso de Licenciatura Plena em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA, onde integra o Núcleo de Pesquisa Científica - NUPESQ. Blog: titoguerrarte.blogspot.com.br

Palavras-chave: Caruaru; Arte; Teatro; Cultura; História.

ABSTRACT

This article has as object of study the theatrical activity in the city of Caruaru-PE. It is the result of a field research occurred during the period of 11-05-2013 until 11-05-2014. The methodology used is qualitative with interviews resources with artists and representatives of theater groups (oral history), research documentary and complementary bibliography. It has the interesse to collect dice that can stimulate related research, watching the significant theatrical production this region as well as the dearth of research on the scenic-theatrical product produced in the arid zone (Agreste) of Pernambuco, Brazil.

Keywords: Caruaru; Art; Theatre; Culture; History.

INTRODUÇÃO

A necessidade do homem de produzir cultura seja nas cavernas nos períodos mais remotos, no campo ou na cidade, é sem dúvida a maneira mais autêntica de sua expressividade. Investigar estas manifestações é descobrir mais do ser humano, descobrir razões, procurar sentidos para identificarmos a função da linguagem no sentido mais abstrato, ou seja, no “simples” deleite da investigação pela investigação, do que é, do que se mostra, do que se tem, e também descobrir possibilidades intermediadas pelas manifestações culturais que podem assistir nossa consciência para entender melhor o mundo através da arte.

Em Caruaru, na cidade mais populosa do Agreste pernambucano, localizada à 130 km de sua capital Recife, têm-se

a impressão de que a todo instante respiramos cultura. Uma cultura que tem cheiro e sabor, e que pouco a pouco vai traduzindo a cidade nas diversas expressões que sua história se encarregou em compor, desde a sua tradicional feira livre², passando pelo bairro de artistas - Alto do Moura, às sobremesas que compramos nos tabuleiros de cocadas e *quebra-queixo* em meio as barracas de caldo de cana no centro da cidade, até seu tão típico São João. São tantas forças atrativas que se tem a sensação de que sempre existe algo para descobrir, saber. Uma cultura que se molda das necessidades cotidianas e vai tomando dimensões artísticas seguindo um fluxo de um povo criativo e festeiro.

Com essa exuberante expressão de cores, gestos, cheiros e “saculejos” embalados pelo forró, surge uma atividade que não parou de ser produzida. Acontecendo em casas artísticas, ruas e escolas, exagerando nos gestos, ou simplesmente contando uma história de amor com um boneco na mão feito de papel e cola. Características tão próprias de uma arte essencialmente política, que se reproduz exatamente conforme seus atributos em todo mundo, o teatro. Mas, o que nos interessa saber do teatro caruaruense? Ou melhor, o que o teatro em Caruaru tem retratado de Caruaru nas cenas durante décadas?

Durante o período desta pesquisa, percebemos a escassez de dados sobre o teatro produzido em Caruaru, recorreremos a notas e citações em livros, que de certa forma, somado as entrevistas com os representantes mais proeminentes da classe artística local, nos guiaram na tentativa de entendermos os meios pelos quais a atividade teatral nesta região, apesar das

² Feira tradicional que surgiu inicialmente nas cercanias da Capela de Nossa Senhora da Conceição construída no Século XVIII, dando início a cultura de feiras e comércio livre da cidade.

dificuldades, não cessa. Então, este trabalho foi guiado pela a necessidade de uma investigação que compreendesse o movimento teatral caruaruense considerando suas especificidades sem esquecer o rigor que uma pesquisa de campo exige.

Logo, esta análise se dispõe a contribuir com a história do teatro caruaruense, tendo a pretensão de provocar outras investigações sobre manifestações artísticas fora dos parâmetros “estabelecidos” nos grandes centros urbanos. Mas, sem a intenção de apreender essa história em sua completude. Compreender as dimensões do teatro produzido em Caruaru tal como seu importante papel para a população desta cidade, é demasiado produtivo e interessante para quem se interessa por cultura. Dirimir esse fazer teatral engendrado de influências locais e exteriores ao seu ninho, faz-se desafio.

DO COMEÇO AOS TEATROS

Em terras espirituosas, marcada primordialmente pelas figuras dos índios, negros e vaqueiros, o teatro em Caruaru tem uma forte influência religiosa, pois há indícios de que os primeiros apologistas desta arte foram os padres fixados nesta cidade no período de transição entre os séculos XIX e XX. Características que irão influenciar decisivamente na atividade cultural produzida nesta cidade, denunciando modelos viscerais de representação artística voltados para liberdade e espiritualidade. Consta em sua história evidências de povos que passaram por Caruaru em busca de liberdade.

Consideremos Barbalho (1992, p. 57),

Na região do vale do Ipojuca, em que hoje em dia se espria a Cidade de Caruaru, viviam em permanentes deslocamentos, entre os Sítios de alimentação mais abundante, tapuias possivelmente da tribo dos Carapotós, já no primeiro século da colonização lusa em

Pernambuco, aquelas terras do Centro-Agreste foram invadidas pelos quilombolas, negros fugidos do cativeiro no litoral em busca da liberdade no planalto da Borborema, onde ainda não havia povoamento branco.

No início do século XX começam os primeiros empreendimentos em prol do teatro, e esses, tiveram a função de estimular o potencial artístico da cidade com a fundação do primeiro teatro na Rua Duque de Caxias através da Sociedade Dramática, uma espécie de associação artística que se empenhava em investir nas artes cênicas.

A respeito disso, encontramos em Marques (2012, p. 229),

Em nossa cidade, a partir de 1900, durante o governo do prefeito Manoel Rodrigues Porto (Neco Porto), surgiu um movimento para contemplar Caruaru com a primeira casa de espetáculo, com a fundação da Sociedade Dramática em 07 de janeiro de 1902, tendo a frente Antonio de Morais Silva Pimentel, major da Guarda Nacional. A Sociedade Dramática inaugurou festivamente o seu teatro, no dia 19 de abril de 1902, na Rua Duque de Caxias, com a apresentação da peça “O Médico das Crianças”, drama em dois atos, com grande afluência de público e de autoridades locais.

A vida social caruaruense era disposta pela cultura de rua, sendo esta uma forte característica da cidade. As Igrejas, seguindo uma tradição religiosa institucionalizada também usa a experiência teatral como forma de dialogar com a população de grande influência cultural indígena, de onde ressoa o próprio

nome da cidade³. Essa história também é marcada pela figura dos vaqueiros que como transeuntes aboiavam e “pousavam” para descanso, pela cultura de coronel, ora representada por possuidores de riquezas e dos meios de produção (burguesia), ora pelos políticos nos palanques dos comícios, e com as apresentações empreendidas por artistas e admiradores da arte nos *Cine Theatros*. Estimulando uma população que se fecundava num espécie de “zig-zag” ponteados pelo xique-xique e a macambira.

As práticas teatrais foram sendo também desenvolvidas em associações, igrejas e escolas, promovendo datas comemorativas, como o dia das mães, natal, casamentos juninos e Paixão de Cristo, com o apoio e efetiva participação de grandes personalidades da educação. Este interesse pelo teatro partindo de educadores, são prerrogativas das atividades arte-educativas no Brasil em um momento em que muitos professores, se empenhavam por recursos para auxiliar a educação no processo ensino-aprendizagem. A professora Sinhazinha e o Professor Vicente da Silva Monteiro estimulavam a arte em Caruaru fundando a Banda Musical e União Caixeiral⁴.

Quanto isso, Barbalho se expressa da seguinte maneira (1974, p. 176-177),

— A resposta é simples. A professora sinhazinha aliava às suas virtudes de coração e ao seu modo

³ Existem vários estudos a respeito do nome *Caruaru*. A maioria deles apontam para a origem indígena, já que Caruaru foi habitado inicialmente pelos índios Cariris, na época do desbravamento por volta do século XVI.

⁴ Movimento cultural fundado e presidido pelo Professor Vicente da Silva Monteiro, um dos educadores que mais incentivou a cultura na cidade.

simpático de agir, a intuição espontânea da moderna pedagogia não existente naquele tempo, jamais restringindo seus alunos somente ao estudo didático [...]. [...] _ A professora Sinhazinha estudava o sentimento artístico de cada aluna para lhe dar o papel adequado, daí o sucesso dos espetáculos infantis que promovia. Ensaiaava meses e meses antes da representação, ajudada pela sua dedicada irmã, d. Liquinha Freire, e ao se aproximar o dia do espetáculo era convidado Virgílio Pinto, grande vocação teatral, ator e ensaiador dos dramas levados pelos rapazes da **União Caixeiral**, para dar os últimos retoques artísticos nas alunas e dirigir o ensaio geral na véspera da exibição. Depois de ter-se ausentado Virgílio Porto, de Caruaru, substitui-o nessa tarefa o saudoso escritor Mário Sette, que passava boas temporadas entre nós, o qual, além de ensaiar com a professora Sinhazinha, escrevia comédias, duetos, cançonetas sobre motivos da terra para as alunas interpretarem.

Ademais, encontramos referências na literatura de um período efervescente em que se “constrói” essa identidade cultural, expressa de maneira alegórica na clássica obra *Terra de Caruaru* (CONDÉ, 2011, p.75): “A melhor gente da cidade está no Cine Avenida para assistir à estréia da *troupe* “*Chat-Noir*”. Na primeira fila o dr. Taveira e sua gorda mulher, dona Esmeralda, filha mais velha de um já falecido senhor de engenho do Cabo [...]”. Ou, no dizer de Barbalho (1973, p. 160): “_ Havia teatro. Companhias visitavam periodicamente Caruaru. Eram atrizes de cartaz, Cândida Palácio e Dolores Lima, como também o ator Procópio”.

Outro exemplo desse importante período para o desenvolvimento cultural da cidade, aconteceu com a inauguração do Cine Theatro Rio Branco.

A respeito disso, Marques (2012, p. 230) afirma que,

“Na Avenida Rio Branco, em 1922, foi construído o Cine Theatro Rio Branco, por Alfredo Ramos e Anselmo Freire, que se tornaria a principal casa de espetáculos da cidade. Vendida dois anos depois, ao comerciante João Condé. Uma das primeiras providências do novo proprietário foi mudar o telhado de zinco por outro de telha cerâmica, para tornar o local mais silencioso, principalmente nos dias de chuva. Foram providenciados camarotes confortáveis, local adequado para os músicos, cortinas de veludo, além de um cenário renovado e de bom gosto. [...]. A reinauguração do Cine Theatro Rio Branco ocorreu no dia 08 de setembro de 1925, com a apresentação da peça o “O Bacurau, teatro de revista em três atos, do escritor Mário Sette, com participação dos jovens de nossa cidade.

Algumas casas de *shows* e cinemas, voltados para apresentações teatrais, música, ópera e reuniões foram levantadas ao longo dos anos, como: o Teatro Municipal (1904), Cine Theatro Rio Branco (1922), Cine Theatro Caruaru (1939), Cine Santa Rosa (1947), Teatro da Rádio Difusora (década de 50), Teatro Lycio Neves (década de 60) e o Teatro Auditório da FAFICA – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (década de 70).

A foto abaixo mostra Caruaru nos anos 20 e seu Cine Theatro Rio Branco:



Fonte: Acervo FAFICA – Álbum de Fotografias V: Caruaru, ontem e hoje
(1998, p. 24).

Com o passar dos anos, com o crescimento do comércio da cidade, muitas dessas casas artísticas construídas com o intuito de promover arte, como o Cine Theatro Rio Branco e o Cine Theatro Santa Rosa, foram transformadas em casas comerciais. O Cine Theatro Grande Hotel, localizado no centro da cidade foi adaptado para cultos de Igrejas Evangélicas. No entanto, alguns teatros permanecem até hoje prestando serviços culturais para população, entre eles o Teatro da Rádio Difusora inaugurado por volta dos anos 50 com capacidade para 400 pessoas, o Teatro João Lyra Filho construído nos anos 70 de estrutura semi-arena com capacidade para 186 pessoas, e o Teatro Rui Limeira Rosal (década 90) construído nas dependências do SESC – Caruaru, com 250 assentos.

A expansão das atividades teatrais na cidade de Caruaru provocou a formação das associações, com o intuito de reunir e organizar a classe artística. Em 1988 foi fundada AATTC -

Associação dos Artistas e Técnicos de Teatro de Caruaru, que ao longo do tempo se configurou conforme é conhecida hoje ASSARTIC – Associação dos Artistas de Caruaru, sub os cuidados de seu presidente o ator e diretor Jô Albuquerque. Esta associação tem significativa importância para a classe artística deste município, reunindo profissionais de diversos segmentos artísticos como música, dança, literatura, poesia, artes cênicas e circo.

OS GRUPOS E SEUS EXPOENTES

Quando nos referimos ao teatro, estamos nos referindo a uma arte extremamente coletiva. O desejo de viver de arte presente na necessidade das relações intersubjetivas estimula a formação dos grupos teatrais, reunindo artistas em manifestações que exprimem o pensamento, sentimento e hábitos da população, geralmente relacionados às questões existenciais e políticas. Modelos de investigação e celebração de uma arte capaz de provocar transformações sociais favorecem o desenvolvimento social de uma cidade. Como sinaliza Franklin de Matos (2001, p. 97): “O teatro oferece e discute modelos novos, e por isso se torna um instrumento poderoso de intervenção social”.

Em decorrência de reuniões, pesquisas e estudos, foi se configurando períodos de produções teatrais, que gerou um movimento importante conhecido como Círculo Católico, resultando na fundação do Grupo São José no ano de 1918, e posteriormente o Círculo Operário a partir da década de 50. Foi por meio dessa cultura de grupos que o teatro em Caruaru começou a ter maior expressividade destaque para o TAC - Teatro de Amadores de Caruaru em 1954, e o TEA – Teatro Experimental de Arte fundado na década de 60. Para entendermos melhor a importância destes grupos, segue relato de um dos fundadores o Grupo Feira de Teatro Popular, Josué Euzébio Ferreira, conforme Ferraz (2006, p. 161),

“[...] Foi neste momento que Alcimar Vólia, Ivan Brandão, Jandira Siqueira, Vital Santos, Renato Cabral e eu fundamos o Grupo de Cultura Teatral, que depois passou a ser o Grupo Feira de Teatro popular, ou simplesmente Grupo Feira, como é conhecido. Aquele grupo representou um marco na história de Caruaru, cujo o sucesso pode ser resumido por sua nova concepção de estrutura cênica, especialmente na montagem das peças Rua do Lixo 24, em 1970, e Feira de caruaru, nova versão em 1977, ambas sob a direção de Vital Santos.

Uma das características de maior relevância na atividade teatral em Caruaru é sem dúvida a quantidade de grupos teatrais no decorrer de sua história. Embora, esta pesquisa não seja de caráter quantitativo, identificamos durante o período de coleta de dados mais de 40 grupos entre amadores e profissionais, que vão desde o primeiro grupo Sociedade Dramática fundado em 1902 até o mais recente Grupo de Teatro Leudo Valença fundado em 2014.

Apesar das diversas características de encenação dadas pelos múltiplos grupos de teatro, dois aspectos nos chamaram atenção. O primeiro relativo ao tempo de atividade dos grupos, como por exemplo o Grupo TEA⁵ - Teatro Experimental de Arte,

⁵ Inicialmente com o nome de Movimento Teatral Renovador com sede no Teatro Lício Neves, é a principal referência teatral da cidade, fomenta a mais de 50 anos a cena teatral caruaruense, constando em seu currículo mais de 50 espetáculos. O grupo permanece em constante atividade, desenvolvendo anualmente vários projetos, entre eles o Teatro na Comunidade onde leva peças teatrais para zona urbana e rural; promove o FETEAG – Festival de Teatro Estudantil do Agreste, além de cursos e oficinas voltados para capacitação de novos talentos. O TEA foi fundado em 16 de julho de 1962 por: Argemiro Pascoal, Arary Marrocos Bezerra Pascoal, Antonio Paulino de

e a Cia. Feira de Teatro Popular⁶. E o segundo aspecto, a postura de vanguarda, produções voltadas às proposições contemporâneas ou novas “alquimias”, entre eles o Grupo Arte em Cena⁷, e o Grupo Mamulengo Mamusebá⁸.

As práticas teatrais dentro de escolas também é algo significativo, não apenas pelo tempo em que esses grupos se mantêm em atividades, como é o caso do grupo Dom Vital da Escola Dom Vital⁹ e do Grupo de Teatro Iná Iomerê (1994) do

Medeiros, Carlos Fernandes da Silva, José Gustavo Córdola, Fernando Gomes de Oliveira, Edvaldo Pereira de Castro, Antonio Silva, Margarida Miranda, Maria José Bezerra, Abdias Amorim, Paulo Roberto e Sá, Maria Ezinete de Melo, Inácio Tavares e Jonas Mendonça. (Dados cedidos em entrevista pela representante do grupo a Sra. Arary Marrocos em 12 de Março de 2014).

⁶ Fundado em 1969, tem como auge de sua expressão o espetáculo *O Auto das Sete Luas de Barro* (1979). Na ocasião, conquistou o Prêmio Molière de Teatro Nacional, o APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte e dois Mambembes nas categorias de melhor diretor e grupo, expandindo a identidade teatral e cultural de Caruaru através do teatrólogo Vital Santos.

⁷ Conforme entrevista cedida em 20 de agosto de 2014, pelo o fundador e premiado ator Severino Florêncio declara: Grupo fundado em 1987, reconhecido como utilidade pública pela câmara de vereadores de Caruaru, traz em seu histórico espetáculos conceituais, primando pelo trabalho de ator em cena, é responsável por parte produção local que ultrapassa os limites da cidade, representando o teatro caruaruense em festivais nacionais e internacionais. Destaque para Avatar (1991), Dorotéia vai a Guerra(1993) e Deus Danado (2008).

⁸ Grupo de teatro de bonecos, fundado em 1985 pelo artista popular Sebastião Alves, nome artístico: Seba.

⁹ Escola da rede pública de ensino que desenvolve atividades culturais através do seu grupo de teatro fundado em 1992, promovendo oficinas e o Festeart –

Colégio Diocesano de Caruaru¹⁰, mas principalmente pela importante contribuição para o desenvolvimento artístico de estudantes na cidade de Caruaru.

De modo geral a história do teatro em Caruaru segue uma cronologia específica, ora se intensificando, ora rareando o nascimento de novo grupo. Em nossa pesquisa de campo a respeito dos principais Grupos e Companhias podemos perceber isto:

ANO	GRUPOS E CIAS
1902	Sociedade Dramática
1904	Trupe Dramática
1918	Grupo São José
1035	Grupo de Teatro Carlos Gomes ¹¹
1944	Grupo Internacional de Comédias ¹²

Festival estudantil de Artes. Ver: *Caruaru, Ontem e Hoje: de fazenda a Capital* (2012, p. 260).

¹⁰ Tradicional colégio da rede particular de ensino que investe em atividades teatrais do ensino fundamental I ao ensino médio, Tem como metodologia a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa. O Grupo Ená Iomerê participa ativamente em diversos eventos da cidade e do Festival Estudantil de Teatro do Agreste – FETEAG, sendo várias vezes premiado. Resultado do competente trabalho das pedagogas e arte-educadoras Olanda Patrícia e Maria Alves.

¹¹ Grupo composto pelo jornalista Carlos Guerra e José Torres Filho. Ver: *Caruaru, ontem, hoje: de fazenda a capital* (2012, p. 230).

¹² Grupo Internacional de Comédias ou Grupo Intermunicipal de Comédias. Fundado por Rui Rosal, Wilson Feitosa, Filemon Bastos, Pedro Valença e

1949	Grupo Teatral da Divulgadora de Anúncios ¹³
1950	Grupo de Teatro Mirim
1954	TAC - Teatro de Amadores de Caruaru
1962	TEA - Teatro Experimental de Arte
1969	Cia. Feira de Teatro Popular
1969	TUA - Teatro da Universidade do Agreste
1976	Grupo de Teatro Mário Sette
1979	Grupo de Teatro Cena Viva
1980	Grupo de Teatro do SESC Caruaru
1980	Os Sutis (Escola Elisete Lopes)
1985	Mamulengo Mamusebá
1987	Grupo de Teatro Arte-em-Cêna
1990	Grupo de Teatro Dom Miguel de Lima Valverde
1991	Cia. De Teatro Avoar ¹⁴

Fruituoso Lorega. Conferir: *Caruaru, Ontem e Hoje: de fazenda a Capital*, (2012, p. 231).

¹³ Grupo Teatral da Divulgadora de Anúncios, fundado por Fruituoso da Silva Lorega. Participaram: Pe. Zacarias Tavares, Santa Valença, Telma, Rosália, Digna Lorega entre outros.

¹⁴ Instituição pública de ensino que promove atividade teatrais desde 1991.. Hoje em dia, com o nome de Companhia Teatral do Colégio Municipal Álvaro Lins. Tem participação assídua nos eventos da cidade e histórico de

1991	Grupo de Teatro Professor Lisboa
1992	Grupo de Teatro Dom Vital
1992	Cia. de Produções Artísticas Prazeres Barbosa ¹⁵
1994	Grupo de Teatro Ená Iomeré
1995	Cia. Teatral Felix Silva
1996	Cia. Mambembe – Tô-Na-Rua-Tô-No-Palco
1996	Itinerante Trupe de Teatro
1996	Prodarte - Cia. Produtora de Artes Teatrais
1996	Grupo de Teatro Tó No Palco
1996	Mamulengo Arretado
2000	MakTub - Produções Artísticas
2000	Jovens Atores Produções Artísticas
2000	Cia. Pernas Prá Circolá
2002	Cia Sette Atos (Colégio Mário Sette)
2004	GAF – Grupo de Atores da Fafica

premiações no FETEAG (festival estudantil de Caruaru), os trabalhos teatrais no colégio são conduzidos pelo competente diretor Nildo Garbo.

¹⁵ A Cia. leva o nome da professora aposentada e atriz mais premiada da história de Pernambuco, Prazeres Barbosa. Atriz natural de Caruaru, com mais de 30 anos de carreira, tem estátua em sua homenagem na Câmara de vereadores de Caruaru. Atualmente reside no Rio de Janeiro. Ver: *Prazer em Conhecer – Três décadas de Prazeres Barbosa* (2010, p. 102).

2004	Parangolé Produções Culturais
2005	GSC – Grupo Atuação de Teatro ¹⁶
2006	Grupo de Teatro Felisberto de Carvalho
2006	Grupo de Teatro Exato
2007	Grupo de Teatro Erenice Lisboa
2007	Cia. Olhares de teatro
2008	Cia. Teatral Gabriel Sá
2008	Cia. Do Bom Humor e Eventos
	GTA - Grupo de Teatro Ascés ¹⁷
2010	Grupo de Teatro Leudo Valença ¹⁸
2014	

Há uma tendência natural para formação de grupos demonstrada pelo fluxo contínuo característico no teatro produzido em Caruaru. A rigor, esta tendência para formação de grupos é de extrema valia, pois denota uma legítima capacidade de organização como também talento determinante para ações teatrais, já que o teatro carece de socialização e interação para

¹⁶ Grupo de teatro estudantil do Colégio Sagrado Coração, coordenado pelo arte-educador e coreógrafo Benício Júnior.

¹⁷ Grupo da instituição de ensino Faculdade ASCES - Associação Caruaruense de Ensino Superior ASCES. Coordenado pelo professor Dierson Pachêco Leal.

¹⁸ Grupo fundado em 2014 nas dependências da Escola Municipal Professor Leudo Valença, tem como dirigente o professor e ator Charles Douglas.

que aconteça. A formação destes grupos facilitam a integração da vasta cultura da cidade contida nas suas variações, estimulando o desenvolvimento de poéticas que são levadas para o palco através de agentes (atores), que munidos de representatividade são capazes de transpor para o palco, potencializados por meio da imitação, o cerne da atmosfera cultural de um povo.

Como enfatiza Meryn Claxton (2001, p. 38-39),

Entre todas as principais formas de arte, o teatro se presta melhor, talvez, ao estimular o impulso criativo a nível grupal por meio da relação interativa que o bom teatro sempre estabelece com a platéia. A oportunidade de exploração de fronteiras pessoais que o teatro pode proporcionar e o efeito benéfico que pode ter na confiança pessoal dos que estão desenvolvidos poderiam se estender a nível grupal através do processo de identificação da platéia com o personagem, a que todo bom teatro induz. O teatro também pode buscar a promoção da confiança cultural, que por sua própria natureza exige que a sua influência se estenda para além dos limites estreitos do indivíduo e do grupo menor, para a comunidade em geral e até mesmo para a sociedade como um todo. Ao promover a criatividade e confiança cultural, o teatro ajudaria a criar um ambiente capaz de fomentar o desenvolvimento socioeconômico.

É importante apontar que, toda essa produção cultural se dá pela importante participação das representações individuais. São muitos os expoentes que compõe a história do teatro caruaruense, além dos nomes já citados, outros somam referências e foram com frequência mencionados por nossos entrevistados. Vale ressaltar que todos envolvidos em prol da propagação da cultura merecem nossa gratidão, É sem dúvida,

através do esforço e dedicação destas personalidades que os caruaruenses tem a oportunidade de assistir produções locais como também peças vindas de outras regiões.

TEATRO EM CARUARU: RESISTÊNCIA E ARTE

Os aspectos que fazem do teatro caruaruense motivo desta pesquisa são também os mesmos que despertam o desejo de conhecimento das posturas de resistência por meio de seus militantes teatrais. De modo geral, os artistas são “arautos” que nos despertam tanto para o real quanto para o ficcional, e através duma sensibilidade dada pela predisposição de sentir o mundo, trazem de maneira criativa e translúcida os componentes da vida para a arte. Os atores são capazes de exercer fisicamente maior intimidade com os elementos que invitam o espírito humano, pois já estão diretamente inseridos dentro do contexto pelo qual se reverberam, ou seja, são humanos.

Consideremos a observação da pesquisadora teatral Elena Vássima em Carvalho (2001, p. 150):

Em arte, a tendência estranha deve transformar-se na sua própria ideia, realizar-se no sentimento, tornar-se aspiração sincera, uma segunda natureza do próprio artista, e então ela integrará a vida do espírito humano do ator, do papel, de toda peça e se tornará não uma tendência mas um credo propriamente dito.

Tudo que é, é porque teve um começo, ou seja, alguém deu o primeiro passo e fez trilha pela mata virgem, comumente guiado por um ideal romântico de poder mudar algo, propor ou possibilitar. Encontramos como referência desta produção e em harmonia com o contexto cultural de cidade a figura de Mestre Vitalino. É a exemplo dele que todas as outras artes se afinam em Caruaru. A legitimidade de seu trabalho com o barro é tema que

contribui para a projeção nacional do teatro caruaruense através de um espetáculo inspirado em sua vida *O auto das sete luas de barro*. O texto traduz a força e potencial artístico da cidade, recorre a expressões genuínas de um povo agrestino em um relevante processo de compreensão de sua identidade. A arte das mãos de Vitalino são representações cênicas de uma leitura de mundo inspiradas no dia-a-dia do povo caruaruense, denuncia seus costumes.

No centro da cidade encontramos um verdadeiro *Oásis* de resistência cultural, uma genuína visão *quixotesca* em paradoxo aos prédios e comércios que o entornam. Trata-se de um galpão de madeira onde abrigam diversos bonecos confeccionados para o teatro de bonecos pelo Grupo Mamulengo Mamusebá. Ali, temos a oportunidade de conhecer personagens típicos desta região, como os bumba-meu-boi, catirinas e Lampião. Uma autêntica maquinaria que requer muita dedicação para que essa consciência dê vazão a uma estridente cultura proporcionada pela arte popular. Legítima expressão de uma atividade que não se deixou seduzir pelas artimanhas da vida capitalista. Segundo entrevista cedida a esta pesquisa em 04 de abril de 2014, o fundador do espaço e artista popular Seba diz: “Não recebemos muito incentivo por parte dos governantes. Então ficamos, aguardando editais, ou vivendo de bilheteria”.

Segue para apreciação fachada do espaço do Grupo Mamusebá,



Foto: arquivo da pesquisa em 04 de abril de 2014.

Podemos com facilidade perceber as dificuldades que uma atividade artística, ou seja, não comercial, pode enfrentar para acontecer no centro de uma cidade que investe largamente em uma economia por meios de produção e que tem como *carro-chefe* a indústria têxtil.

Quanto a permanência desses grupos em atividade, é pertinente conferirmos aqui que grande parte deles deixam de produzir por falta de incentivos, são inúmeras as dificuldades que os artistas enfrentam que vão desde a encontrar um local pra ensaiar, até material gráfico para divulgação de trabalho já pronto. Infelizmente, vivem a amarga realidade d’aqueles que se “aventuram” em produzir arte no nosso país. Apesar de boas montagens, sem verba ou incentivos financeiros os integrantes são levados a procurar outros meios de sobrevivência; outros, continuam seu trabalho com investimentos pessoais, a mercê de

uma possível bilheteria que pague ao menos uma parte do que foi investido. Uma terceira possibilidade de sobrevivência são os editais que geralmente acontecem uma vez por ano e são extremamente concorridos, como por exemplo Funcultura PE - O Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura. Sendo o principal mecanismo de fomento e difusão da produção cultural no Estado, inserido no Sistema de Incentivo à Cultura (SIC-PE).

Ainda assim, o teatro caruaruense resiste e promove festivais. A primeira mostra de Teatro que se tem notícia é Festival Universitário do Agreste que aconteceu em 1962. Hoje em dia, em sua 24ª edição Caruaru traz o seu festival de maior expressão o FETEAG – Festival de Teatro Estudantil do Agreste, que acontece desde 1991 com uma mostra estudantil e outra profissional, atendendo a espetáculos de todas as regiões do Brasil, ofertando ações para população como oficinas e palestras. Outra contribuição valiosa para a cidade, que reflete o trabalho de arte-educadores e professores de teatro é o Festearth, movimento que acontece dentro de uma escola pública.

Conforme Marques (2012, p. 260),

Foi oficialmente criado em fevereiro de 1992, pelos professores Walter Reis e Iracilma Kirakawa. O grupo mantém permanentemente oficina de teatro nas manhãs de sábados, aberta ao público e especialmente para os alunos da Escola Dom Vital. E esse trabalho vem revelando novos talentos para o teatro, a dança e a música. Com o objetivo de mostrar o resultado obtido com as oficinas, o Grupo Dom Vital realiza há nove anos o seu Festival Estudantil de Artes (Festearth), no Teatro João Lyra Filho. (...) sendo um trabalho belíssimo realizado com os alunos da própria Escola.

Segue tabela com alguns Festivais,

ANO	FESTIVAIS
1962	Festival de Teatro Universitário do Agreste
1972	1º Festival Nacional de teatro Amador de Caruaru
1976	Festival de Teatro da Escola Professor Mário Sette
1981	FETEAG – Festival de Teatro Estudantil do Agreste
1981	Experimental de Arte – TEA – XXII Edição (Teatro João Lyra Filho e Teatro Rui Rosal SESC Caruaru)
1988	I Mostra de Teatro de Caruaru (Promovido pela Fundação de Cultura, Turismo e esporte de Caruaru)
1988	Vamos Comer Teatro
1994	II Mostra Regional do Teatro do Nordeste (Realização FETEAPE e CONFENATA)
1997	FesteArt – Festival Estudantil da Escola Dom Vital
1998	FESTEC – Festival de Esquetes de Caruaru (Realização ASSARTIC)
1999	Vamos Comer Teatro (nova edição)
2000	I Mostra de Teatro da TV Asa Branca

2002	Feint – Festival do Teatro Experimental de Arte (Realização TEA)
2006	I Festival de Teatro Inter-Religioso (Realização ASSARTIC)
2006	Festival Exato de Artes Cênicas (Realização Colégio Exato)
2009	Cânticos da Paixão
2011	Mostra Rui Limeira Rosal de Teatro e Dança (SESC Caruaru)
2011	Janeiro de Grandes Espetáculos (Teatro Rui Rosal e SESC Caruaru)

Fonte: ASSARTIC – Associação dos Artistas de Caruaru, dados gentilmente cedidos pelo ator, diretor Jô Albuquerque.

A preferência por comédias também é forte característica do público desta cidade. Uma possível influência da cultura do circo, posto o hábito de receber circos de todo o país, desde os mais sofisticados aos mais simples e amadores. Alguns espetáculos, mesmo quando de alta qualidade, renomados e premiados em festivais, saíram rapidamente em cartaz por não provocar o riso.

Segundo Neto (2010, p. 85),

Avatar foi uma peça sem vida longa. Em sua primeira temporada realizou pouco mais de dez apresentações em Caruaru e duas na cidade de

Arcoverde (PE). Um dos principais motivos da sua não permanência nos palcos foi a complexidade do texto, considerado denso e dramático, bem diferente das montagens infantis e adultas de temática regionalista montadas até então. “Quem assistia saía encantado com o espetáculo, a intensidade e o vigor dos atores. Mas, quando alguém perguntava se tinha gostado, respondia: *gostei, mas não dá pra rir*. Para um público aficionado por comédia, isso era definitivo”, comenta o diretor.

Encontramos outra indicação sobre esta tendência, em especial a dramaturgia de Molière, em Marques (2012, p.231),

“Ao longo dos anos os amantes da arte de Molière em nosso município sempre foram contemplados com bons espetáculos, montados pelos artistas locais ou de grandes centros. Apesar da nossa cidade não contar com um teatro de grande porte, os artistas dispunham de palcos em instituições e colégios. Onde podiam apresentar os seus trabalhos”.

Por outro lado, e em paradoxo com essa legítima disposição para formação dos grupos, encontramos vestígios que sinalizaram hostilidades; uma espécie de *neocoronelismo* aplicado ao ambiente teatral que influencia e assombra as relações interpessoais, provocando disputas por território e posse de uma arte que em essência é libertadora, dialógica e democrática. As circunstâncias relacionadas as dificuldades reais da profissão tendem a fragilizar as relações, e os egos delicados acabam desencadeando indisposições. O teatro, como em

qualquer seguimento profissional, não abstendo-se desse tipo de comportamento, vive e revive a condição humana.

Para NETO (2010, p. 83),

A saída de Prazeres, no entanto, foi motivada principalmente por problemas gerados entre a equipe. O fato de ter protagonizado os principais espetáculos montados, a consagração nos muito festivais de que participaram e o destaque que sempre recebeu por parte da mídia não eram vistos com bons olhos por alguns colegas. “Existia dentro do próprio grupo – como existe em todas as profissões – certa competitividade. Não vou citar nomes por ser antiético, mas havia uma ciúmeira em relação a mim. Era aquela pessoa por quem ninguém dava nada, mas quando fazia meu trabalho, aparecia. Isso incomoda”, confidencia Prazeres.

O fortalecimento das inter-relações de todos os envolvidos no processo artístico, resulta em uma permanente interação de saberes, valorizando o trabalho desenvolvido pela pluralidade. O bom desempenho das funções artísticas vai muito além da execução de atividades rotineiras relativas a uma profissão, multiplica-se, ramifica-se e interliga-se nos mais diferentes âmbitos. Contudo, a arte, pela força gerada em decorrência da vida cultural e dos costumes sociais de uma população, e também pela capacidade catártica que pode exercer em quem participa dela, é possibilidade real reflexão crítica. Para ROHDEN (2011, p. 41): “A função catártica ou purificadora da arte tem de consistir, portanto, num processo de integração, de plenificação, de totalização”.

Atualmente, o teatro caruaruense valoriza axíomas tradicionais de representação somados a tendências do teatro contemporâneo, textos apresentados com uma estética

comumente conhecida pelos espetáculos de outras regiões do país. Dando ênfase a textos cômicos, revelam peculiaridades de um teatro popular que explora a rica cultura do povo desta região, a partir poéticas teatrais, permeiam entre o drama satírico, o trágico grego e a comédia de costumes. É interessante perceber que estas demandas artísticas estão voltadas para uma cultura em estreita relação com início de sua história, uma herança que açambarca personagens típicos dessa região e que são “aproveitados” em seus espetáculos. Tamanha representatividade advinda desta exuberante cultura, seguramente implicam na riqueza de cores, de cenários, musicalidade e possibilidades de interpretações dadas às montagens teatrais caruaruenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É vasto o material cênico produzido na cidade de Caruaru, principalmente no que se refere aos grupos teatrais. Em relação a estrutura e gama de atividades, apesar das oportunidades fornecidas para população pelos grupos com suas peças, oficinas e workshops, o teatro caruaruense carece de maiores incentivos, políticas públicas que favoreçam esses artistas, tal como uma instituição voltada para formação de profissionais em artes cênicas, a fim de capacitar ainda mais esta produção.

Logo, identificamos o fenômeno teatral caruaruense, como uma genuína atividade que contribui com o fazer teatral, seja através dos artistas locais, ou de uma tímida, mas sensível plateia que entende o teatro como possibilidade democrática. Eminentemente características modeladas ao tempo que “dizem” o quanto o teatro cresce e é influenciado, e o quanto o teatro cresce e influencia.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Nelson. **País de Caruaru: subsídios para a história do Agreste**. Ed. Recife: CEPE, 1974.

- CEPED – Centro de Pesquisa e Documentação. Álbum de fotografias V, série: Caruaru Antiga. **Caruaru, ontem e hoje.** Caruaru, PE: Artberg, 1998.
- CONDÉ, José. **Terra de Caruaru.** 6.ed. revisada Caruaru, PE: W. D. Porto da Silva, 2011.
- CARVALHO, Sérgio de (Org.). **O Teatro e a Cidade: lições de história do teatro.** São Paulo, SP: Secretaria Municipal da Cultura, 2001.
- FERRAZ, Leidson; DOURADO, Rodrigo; JÚNIOR, Wellington (Org.). **Memórias da Cena Pernambucana.** Recife, PE: Ed. dos Autores, 2005.
- HERITAGE, Paulo (Org.). **Mudança de Cena: o uso do teatro no desenvolvimento social.** 1.ed. Rio de Janeiro, RJ: The British Council, 2000.
- LACERDA, João A. **Caruaru na História do Brasil e do Nordeste.** 1. ed. Caruaru: Ed do autor. (19??).
- MARQUES, Barreto Josabel. **Caruaru, ontem e hoje: De fazenda a Capital.** Recife: Ed. do Autor, 2012.
- NETO, Fernandino, **Prazer em conhecer: seis décadas de Prazeres Barbosa.** Caruaru, PE: Ed. do autor, 2010.
- ROHDEN, Huberto. **Filosofia da Arte: a metafísica da verdade revelada na estética da beleza.** 2 reimpressão – São Paulo, SP: Martin Claret, 2011.
- SANTOS, J. A.; SILVEIRA, E. P. (Orgs.). BARBALHO, Nelson. “Gente de Caruaru”. In. **Revista de História Municipal.** n. 5 volume 4. Recife: FIAM/CEHM, 1992.